

## AH, FALA SÉRIO, AÊ! PRECONCEITO LINGUÍSTICO PRA QUÊ?

Francielly Coelho da Silva

[franciellycdsp@gmail.com](mailto:franciellycdsp@gmail.com)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### RESUMO

Por se tratar de uma coleção que, com seus temas e linguagem atuais, além do gênero discursivo, crônica, desperta facilmente o interesse dos adolescentes da faixa etária que ensinamos (8º e 9º anos), por perceber que, em alguns momentos, a narradora da história deixa transparecer o quanto há de preconceito em seu olhar sobre o modo de falar das pessoas a sua volta, com este trabalho, me proponho a analisar de que modo se apresenta o preconceito linguístico uma das crônicas da coleção *Fala Sério*, de autoria da jornalista e escritora Thalita Rebouças, cujo público-alvo são os adolescentes. Além disso, busco discutir, com base em Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Azambuja (2012), Tavares (2013), Vieira (2013), Görski; Freitag (2013) e Cyranka (2014) de que maneira se pode levar à reflexão os alunos sobre esse tipo de preconceito que se apresenta na coleção supracitada, tomando como base um ensino de língua que considere a variação e a mudança. Proponho três atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula a partir dessas crônicas. Acredito, desse modo, poder contribuir para um ensino de língua em que com base na variação e na mudança se combata o preconceito linguístico a partir do entendimento do porquê que ele existe e do porquê que não deveria existir.

**Palavras-chave:** Preconceito Linguístico. Variação Linguística. Ensino.

### 1. Para início de conversa...

Por que escrevo este artigo? Eis as duas razões... Primeiro, porque, como pesquisadora e sociolinguista, sinto-me no dever social de expandir à “população” o

que aprendi na universidade. Segundo porque, como professora da educação básica, tento a meu modo, discutir questões com que me deparo em meu cotidiano e que acredito que meus colegas de profissão também se deparem. Penso: em vez de compartilhar angústias (enquanto professora) ou dizer o que não deveria ser feito no trabalho com a variação linguística em sala de aula (enquanto pesquisadora), melhor unir os conhecimentos adquiridos ao longo de minha formação, especialmente, no mestrado, com a experiência de sala de aula e apresentar propostas (práticas possíveis) de como discutir o tema nas aulas.

E por que abordar o preconceito linguístico e não outra temática? Bem. Porque, de fato, me inquieta presenciar, todos os dias, atitudes de preconceito em relação ao modo como meus alunos falam. É incômodo ouvir de professores e dos próprios alunos o quanto eles “falam errado e feio”, ou mesmo, “não sabem falar”, o quanto “eles, com seus usos, destroem a língua”. Exatamente para discutir essa questão que tanto me incomoda e que, com certeza, se repete em tantas e tantas escolas brasileiras, pensei tomar para mim um pouco da responsabilidade de contribuir, de algum modo, para a reflexão do tema. Mas isso ainda poderia significar pouco, uma vez que já existem diversos artigos e livros que discutem de modo bastante interessante o preconceito linguístico. Precisava contribuir mais. Por isso, pensei em propor algo prático.

Como trabalho com alunos de ensino fundamental, frequentemente leio livros que os interesse. Daí que, na escola em que trabalho, surgiu a coleção *Fala Sério...*, composta por seis livros de crônicas, escrita por Thalita Rebouças. Os alunos mostraram bastante interesse na leitura dessas obras. Foi então que resolvi lê-los também a fim de saber de que tratavam. Os livros apresentam crônicas interessantes para os adolescentes. Uma delas me chamou atenção em especial. Trata-se da crônica *É cada uma que me aparece... 5*. A personagem protagonista, narradora da história, estudante de jornalismo, Malu, se mostra bastante preconceituosa no que se refere à fala de um rapaz que demonstra interesse por ela. Encontrada a crônica, muito adequada para a discussão do tema, precisava planejar de que modo a utilizaria em sala para discutir o preconceito linguístico. Preciso, porém, esclarecer que, aqui,

apresento apenas a proposta, e não, o relato da experiência que vivenciei com meus alunos.

Antes de expô-la, no entanto, acredito ser relevante refletir sobre alguns questões. Por isso, este artigo encontra-se dividido da seguinte forma: primeiro, apresento em que preceitos da Sociolinguística o professor de língua materna deve se embasar a fim de trabalhar a variação e a mudança; depois, reflito sobre o preconceito linguístico propriamente; por fim, apresento a proposta de atividade para discussão do tema em sala de aula.

## **2. Sociolinguística, para que te quero?**

Alguns preceitos da Sociolinguística são considerados por pesquisadores da área essenciais à prática docente: o entendimento de que a língua é homogênea e, historicamente, situada; de que todas as variantes linguísticas possuem significado social e que a avaliação dos falantes em relação a essas formas interferem nos rumos da mudança; de que a língua faz parte da identidade sociocultural de qualquer grupo/comunidade; de que é preciso ter noção de norma(s) linguística(s) e da motivação política da escolha de uma “norma padrão”. Daí ser recomendável ao professor que (re)conheça fenômenos de variação e de mudança existentes no Português Brasileiro (PB) em seus diferentes níveis linguísticos e regiões do país, em diferentes épocas, seja na modalidade falada, seja na escrita, e que, a partir daí, busque entender as motivações linguísticas e/ou sociais da variação e da mudança que envolvem os fenômenos por ele estudado (GÖRSKI; FREITAG, 2013, p. 21).

Ao aceitar a heterogeneidade da língua, assim como sua historicidade, o docente não considerará como válida apenas uma única variante. Ao contrário, entendendo que a língua muda ao longo do tempo, não encarará como “erro” os usos linguísticos de seus discentes. E sim, como variações ou mudanças naturais no PB. Não desvalidará as variantes utilizadas por eles.

Ao entender que a língua é fator de identificação sociocultural de grupos/comunidades, poderá auxiliar na tarefa de fortalecimento da identidade dos grupos/comunidades a que os discentes pertencem, fazendo-os reconhecer importância nas variantes que utilizam, buscando aprofundar o conhecimento das regras gramaticais e dos fatores que influenciam seus dizeres.

Ao reconhecer que não existe apenas uma norma culta, mas várias, poderá proporcionar aos seus discentes as reflexões necessárias para que se adequem linguisticamente aos mais diferentes contextos exercendo os papéis que lhes são devidos enquanto cidadãos.

O docente bem fundamentado na Sociolinguística, reconhece que existem fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos que interferem na escolha de uma variante em detrimento de outra e que os fenômenos não se processam do mesmo modo em todas as regiões do país em todos os contextos. Daí ser relevante sua constante atualização para o conhecimento de pesquisas realizadas na área (seja na leitura de livros, artigos, dissertações e teses, seja na participação em eventos), além de ser, ele próprio, um pesquisador dos modos de falar das comunidades a que seus alunos pertencem.

No entanto, mesmo que o professor se conscientize e concorde com o que foi exposto acima, certamente, terá muito o que enfrentar, seja pela possibilidade de outros professores de sua área não entenderem seu ponto de vista, seja por parte da coordenação de sua escola e até dos pais (com seus modos de enxergar a língua e seu ensino modelados por suas experiências anteriores enquanto alunos e pela própria mídia).

No que se refere à oposição desta, citam Görski; Freitag (2013, p. 37), como exemplo, a revista *Veja*, edição 2236, de 28 de setembro de 2011, que acusa os PCN (1997) de incentivar o ensino do que eles chamam de “português errado” e de determinar aos professores que não corrijam o modo de falar de seus alunos. De acordo com a revista, “o documento está ancorado em uma ideologia segundo a qual distinguir o certo do errado no ensino do idioma é 'preconceito linguístico’”. E

completa que é descabido “formar crianças que serão preteridas no mercado do trabalho por não saber usar corretamente o idioma”..

Ora, os PCN não incentivam o ensino do “português errado”. Até porque, como nos diz Bagno (2004, p. 25), essa ideia é elitista e não-científica. O que quer dizer que, para a ciência linguística, não há “português errado”, e sim, uma ideia errada do que seja o português. Só podendo se qualificar de *erro linguístico* aquilo que compromettesse a comunicação entre os interlocutores, tal qual em *chocolate um comprou menino comeu e*. Falante algum do português falaria algo assim ou não seria passível de entendimento. Esse exemplo, sim, seria um *erro*. Daí que, segundo Bagno (*op. cit.*, p. 25-6), “*não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical*”, formas essas que “quando analisadas com critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes”. De acordo com o autor, as pessoas falam e, *acrescento, escrevem* diferente porque seguem regras gramaticais diferentes.

Outra questão que torna os dizeres da *Veja* incoerentes é afirmar que os PCN “determinam”. Esse documento não tem o poder de determinar, apenas de orientar. Não é uma lei. Além disso, de acordo com Görski; Freitag (2013, p. 38), nos excertos que foram apresentados na revista, não há como inferir que os PCN proíbem os professores de corrigir a maneira de falar de seus alunos.

E também criticar o fato de existir uma “ideologia” de que “distinguir o certo do errado no ensino” é preconceito é adotar uma postura anti-democrática e nada científica. Quem estuda, de fato, as questões linguísticas sabe que tanto a variação quanto a mudança são fenômenos naturais de qualquer língua. E, portanto, acreditar que existir uma única e correta forma de utilizá-la de modo que, ela deve estar protegida de seus falantes (pobres e incultos) é não entender de ciência linguística. Quem entende sabe que todas as variantes são válidas, cientificamente falando, o que as distingue é o valor social que cada uma carrega. Daí se dizer que o preconceito linguístico, como tantos outros, é, na verdade, social. Aqui, não se trata de ensinar a

“distinguir o certo do errado”, mas de ensinar a adequação e inadequação a cada contexto de fala e de escrita.

Por fim, se aproveitar de uma interpretação errônea do que dizem os PCN para dizer que, com essa “ideologia” de ensino, o professor estará excluindo seu aluno do mercado de trabalho por não tê-lo ensinado a “usar corretamente o idioma” é demonstrar completa ignorância do que, de fato, os estudos sociolinguísticos e os PCN, tomando-os como base, têm nos dito. Aqui, não se trata de ensinar a “distinguir o certo do errado”, mas de ensinar a adequação e inadequação a cada contexto de fala e de escrita.

Ora, o que se defende é um ensino de língua materna que respeite os diferentes modos de falar, que não considere “feio” ou “errado” o que fugir do que dita a “norma-padrão”. O que se defende é um ensino que parta da descrição reflexiva das variantes utilizadas pelos alunos para mostrá-los as diferentes possibilidades existentes no PB para se dizer “a mesma coisa”, ou seja, quais as variantes existentes e quais delas fazem parte das ditas norma(s) culta(s). Assim, como aponta Tavares (2013, p. 95), se os discentes forem “estimulados a refletir sobre a variação linguística, poderão passar a empregar a imensa diversidade que compõe a gramática da língua de modo mais consciente em diferentes situações de interação de fala e de escrita”, aprimorando sua competência comunicativa. De acordo com a autora (*op. cit.*, p. 96),

[...] quanto mais intensas e mais variadas forem as situações de uso a que for exposto o indivíduo, mais múltipla será sua gramática e maior será sua destreza em ajustá-la conforme demandarem as situações comunicativas de diversas ordens – orais e escritas, mais e menos formais e envolvendo gêneros textuais variados (cf. TAVARES, 2007; TAVARES, GÖRSKI, 2006)

Se em outros aspectos aprendemos pela interação com o outro, com a língua não haveria de ser diferente. É preciso aos discentes que, ao longo de sua vida escolar, seus docentes promovam atividades diversas a fim de instigá-los a pensar sobre os

diferentes usos que fazendo da língua e sua adequação em cada contexto, não apenas formais, como bem disse Tavares (2013), mas também em situações menos formais, pois é preciso que eles também entendam como se processa a língua nesses contextos.

É preciso, pois, considerar também, no trabalho com a variação linguística, o que Vieira (2013, p. 62) aponta como problemáticas (algumas dicotomias comumente entendidas e adotadas): as oposições entre culto e popular (centrada na ideia de que a variedade culta da língua pertence aos escolarizados de nível superior e a popular, aos sem nível superior, iletrados, não escolarizados); entre rural e urbano (referindo-se ao grau de isolamento dos meios rurais, em oposição à concentração das áreas urbanas); formal e informal (a ideia de que ou formal ou informal, não há meio-termo); oral e escrito (diferenças que dizem respeito apenas à expressão linguística nos meios orais ou escritos).

Dividir a língua em a norma que é utilizada pelos letrados e a que é utilizada pelos não letrados, como sendo aquela a culta e esta a não-culta é apresentar uma visão reducionista do que seja essa norma. Como se, apenas adquirir um diploma universitário no Brasil, atualmente, diante do qualitativo de uma gama de cursos que se tem, fosse garantia de que um falante é realmente letrado. Há também o fato de que não existe uma única norma culta e, embora um falante possa ser considerado letrado, este não é formado somente por um diploma, e sim, por uma rede de influências outras que o faz ser o que é.

Sobre o falante culto real Preti (1997, p. 18) *apud* Cyranka (2014, p. 139) argumenta que ele “pode ser identificado por sua competência em transitar de uma variedade coloquial, espontânea, a uma tensa, formal. Essa habilidade do falante está ligada ao contexto e, portanto, à sua necessidade de comunicação, sendo esse o único critério válido para” identificá-lo. E completa que este falantes utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes urbanos comuns, com escolaridade média, mesmo em gravações conscientes, de menor espontaneidade.

Considerar variantes como sendo tipicamente ou rural ou urbana, é esquecer do que, há já algum tempo, em geral, tanto as zonas rurais quanto as urbanas vem

sofrendo influência umas das outras, seja pelo acesso à televisão, à internet ou mesmo pelo contato das pessoas desses locais a trabalho.

Acreditar que não há contínuos em meio ao formal e o informal como aponta Bortoni-Ricardo (2005), assim como pensar que o oral e o escrito são polarizados, traz problemas de aceitação dos diferentes usos tanto para os alunos quanto para muitos professores.

Dos preceitos apontados por Vieira (2013) como problemáticos é que surgem afirmações, como já ouvi por parte de professores de língua materna, por exemplo, de que tanto o e-mail se caracteriza, entre outras questões, pela informalidade de uso da língua, de que o pronome “a gente” é variante utilizada apenas em contextos informais, entre outras.

Segundo Vieira (2013, p. 62-3), as formas variantes “figuram numa complexa rede de manifestações de variedades”, sendo possível, portanto, identificar “estruturas que, a um só tempo, podem caracterizar, por exemplo, a variedade culta, urbana, em situação formal, na modalidade oral”. Portanto, é preciso que o professor relativize a ideia de polaridades ao tratar dos fenômenos linguísticos, considerando as pesquisas da área.

Após refletir, ainda que pouco, sobre algumas contribuições da Sociolinguística para o ensino, na próxima seção, discuto especificamente sobre aquilo que é consequência de se adotar um ponto de vista não científico sobre a língua: o preconceito linguístico.

### **3. É hora de falar sobre o preconceito...**

Ao abordar o tema do preconceito linguístico, Azambuja (2012) afirma “quando criticamos o modo como alguém fala, estamos criticando, censurando o modo como esse alguém se constitui”, uma vez que os sujeitos constroem suas identidades individuais e de grupos, como todas as realizações sociohistóricas e culturais, também

pela língua que usam. Ora, desvalorizar o modo de falar de alguém é desvalorizá-lo enquanto indivíduo e sujeito social inserido em uma comunidade.

A autora critica a busca por “tolerância linguística”, uma vez que essa expressão faz entender que há uma forma de falar que se sobrepõe a outra, produzindo a ideia de que um alguém, de algum modo, irá “permitir” que um outro se manifeste. Para a autora, não se trata de se ter “tolerância” ou, para mim, respeito, mas de considerar a fala do outro como tendo igual valor que a sua. E isso só é possível a partir de uma educação linguística que reconheça como legítimas todas as formas de usos da língua, considerando como naturais os fenômenos de variação e de mudança.

Estando, comumente, o “saber falar” associado à escolarização, Azambuja (2012) citando Gnerre (2009, p. 12, 28), também aponta como problemática a ideia de que ensinar a variedade de maior prestígio aos falantes de variantes desprestigiadas seria um “projeto altamente democrático” da escola, uma vez que assim poderia “reduzir a distância entre grupos sociais para uma sociedade de ‘oportunidades iguais’ para todos”. Sendo, pois, desse modo, elaborada “a legitimação ideológica de uma variedade de prestígio”. Entendo até certo ponto como problemática essa “ideologia”, especialmente, ao se entender que exista apenas uma única variedade de prestígio que deva ser apresentada na escola e que esta é motivo de ascensão social.

Concordo com a ideia de Vieira (2014) de que existem norma(s) culta(s) a serem apresentadas, não apenas uma. Reconheço que há uma legitimação ideológica de determinada variedade de prestígio como afirma Gnerre (2009) e que isso é um problema de preconceito também, mas penso que não há como “fugir” disso na sociedade brasileira atual, pois que não apenas o ensino das norma(s) culta(s), mas também isso, poderá auxiliar o aluno a ascender socialmente. Negar isso, pode significar negar-lhes essa ascensão.

Se a chave desta seção é discutir o preconceito linguístico, faz-se necessário, no entanto, ir além. O preconceito passa por juízos de valor. Por isso, Cyranka (2014) defende que, ao se tratar de ensino de língua materna, a avaliação linguística deve ser discutida, pois que é a responsável por desencadear julgamentos subjetivos do falante

no que se refere a sua língua, seu dialeto e de seu interlocutor ao construir atitudes linguísticas. Na escola, é preciso fazer refletir sobre as atitudes e crenças dos sujeitos em relação à língua que usam e por meio da qual constroem sua identidade.

Paiva (2003, p. 40) *apud* Cyranka (2014) afirma que, por vezes, aquelas variantes linguísticas consideradas desprestigiadas, são utilizadas como forma de garantir a identidade do indivíduo em dado grupo social, como formas partilhadas por um grupo, assinaladoras de sua individualidade em outros grupos. Assim, caso o indivíduo deseje integrar aquele grupo, precisa partilhar, para além de suas atitudes e valores, de seu modo de falar. Desse modo, para aquele grupo em particular, determinadas formas linguísticas assumem determinado *status*, mesmo que desprestigiadas na comunidade linguística em geral. Sinaliza-se aqui a identificação e a lealdade linguística tal qual afirmam Garvin e Mathiot (1974, p. 126) *apud* Cyranka (2014).

Um modo interessante de pensar sobre essas questões em sala é partir de: observando os modos como os alunos falam, as formas que são comumente utilizadas em seus dialetos, promover que avaliem como eles enxergam esses modos de falar. Mas não apenas isso! É preciso discutir com eles, o porquê de suas respostas, esclarecendo que todas as formas linguísticas são igualmente válidas, explicando as regras que as regem. É preciso também mostra a eles que formas são mais bem aceitas socialmente.

O mais importante é que o professor de língua materna se conscientize de seu papel político de agente capaz de auxiliar no combate à exclusão social de seus alunos e de sua responsabilidade enquanto sujeito crítico, pensante (especialmente, da dita norma-padrão), de seu olhar pesquisador, sendo ele um “discutidor” das diferentes norma(s) culta(s) ou não da língua. Enfim, que seja um militante consciente e conscientizador, combatente da ignorância que perpassa o preconceito linguístico.

Assumindo meu papel de militante, na próxima seção, apresento atividades como proposta de combate.

#### 4. Preconceito linguístico? Tô fora!

##### Atividade 1

Esta atividade tem como objetivo identificar de que modo os alunos avaliam o próprio modo de falar. Após a realização da atividade, a ideia não é corrigi-la, pois não há resposta certa ou errada. A ideia é discutir as respostas que os alunos derem no sentido de esclarecê-los que todas as formas de falar são igualmente válidas, que não há, portanto, formas feias ou bonitas. É interessante explica para eles de onde vem esse preconceito e o porquê de ele não ser válido.

---

*Esta atividade pode ser realizada em duplas.*

1) Sobre sua comunidade de fala, nos exemplos abaixo, marquem os modos mais comuns de as pessoas se expressarem em relação aos seguintes dizeres:

*Nós e a gente*

( ) nós vai. ( ) nós vamos. ( ) nós vamu. ( ) a gente vai. ( ) a gente vamos.

*Tu, você, cê*

( ) tu queres. ( ) tu quer. ( ) você quer.

2) Que formas que vocês marcaram na questão anterior são mais utilizadas por vocês:

- a) falando com os colegas no corredor da escola?
- b) falando com os professores na sala de aula?
- c) falando com os professores fora da sala de aula?
- d) escrevendo/conversando com um amigo no bate-papo?
- e) escrevendo um texto narrativo para a escola?

3) O que vocês pensam sobre as formas que marcaram na questão 1? São certas, erradas, feias, bonitas, normais...? Por quê?

4) Vocês já receberam alguma crítica pelo modo como falam? De quem? Em que situações? O que pensam sobre isso?

5) O que vocês pensam sobre o modo de falar de vocês? Vocês gostariam de falar diferente? Por quê?

---

### Atividade 2

Nesta atividade, os alunos poderão refletir um pouco mais sobre a variação linguística e o preconceito com os diferentes modos de falar. Recomenda-se que o professor já tenha trabalhado a crônica enquanto gênero uma vez que as questões abordadas aqui pressupõem que os alunos já o tenha estudado.

---

O texto a seguir é uma crônica que faz parte de um livro da coleção *Fala Sério...*, escrita por Thalita Rebouças. Essa coleção é bastante lida por adolescentes e jovens. Tem como personagem principal, Maria de Lourdes, já adulta, graduanda em Jornalismo. Ela nos conta um dos episódios de sua vida. Vocês deverão ler a crônica e depois responder às questões que a seguem.

Antes da leitura do texto, porém, sugiro que se foquem apenas no título e respondam:

a) em que situação, geralmente, utilizamos a expressão “é cada uma que me aparece”?

b) o que isso pode demonstrar sobre o que será narrado na crônica?

c) provavelmente, qual o motivo do número 5 no título?

---

**É cada uma que me aparece... 5**

Estou na praça de alimentação devorando sem culpa um sanduíche engordativo enquanto espero minha mãe e Malena voltarem do banheiro. Sujeito bonitinho se aproxima.

- Sozinha?

- Tô esperando minha mãe e minha irmã que foram ao banheiro.

- Opa, vou conhecer a sogrinha, então? - engraçou-se o sujeito bonitinho.

- Rããrrããã-rãã-rãã... - ri um riso forçado. Podia não ter rido, mas ri, era um sujeito bonitinho e sujeitos bonitinhos, mesmo não sendo meu tipo preferido, contam pontos no currículo.

- Que é que tu faz? - perguntou, me irritando profundamente. Nada me irrita mais do que “tu” mal-empregado.

- Jornalismo. E você?

- Biologia marinha. Adoro o fundo do mar.

- Comecei a olhar com outros olhos para ele. Além de bonitinho o sujeito estudava o mar e suas criaturas, era uma pessoa da natureza, o que é praticamente sinônimo de pessoa do bem...

- Que máximo!

- Máximo é você. Tu é linda demais, sabia?

- Ui, o “tu” de novo me irritando. Deixei passar mais uma vez.

- Obrigada.

- Eu também não faço feio, não, né? O povo da faculdade me chama de Clark Kent.

Fiquei chocada com o comentário narcisista e emudeci.

- A identidade secreta do Super-Homem! - fez questão de explicar.

- Eu sei...

- Pô, aí, tô apaixonado. Tu é linda demais...

Ô-ou. Mesmo elogio, mesmo tu... Comecei a desconfiar que sujeito bonitinho era um sujeito sem assunto.

- *Não dá pra se se apaixonar tão rápido. Você nem me conhece...*

- E preciso conhecer melhor? Tu é linda. Linda, linda, linda.

Definitivamente, sujeito bonitinho era um sujeito completamente sem assunto.

- Gosta de baleia? - quis saber ele.

- Nunca parei pra pensar nisso, mas acho que gosto...

- **Acha** que gosta? **Acha?** Fala sério! Baleia é demais! Aquele bicho gordo, de nado manso, *mamife dos mar. Meus amigo tudo são louco por baleia.*

Para! Para tudo! Mamife? Ele disse *mamife dos mar* em vez de mamífero dos mares! Meu Deus do céu! Sujeito bonitinho era um sujeito burrinho! *Meus amigo tudo?* Que que é isso? E o cara estava na faculdade! Como essa pessoa passou pra faculdade? Pra onde caminha a humanidade?

- Ih, olha aí, coisa linda. Olha quem tá *chegano!* É a minha sogrinha. E tá com a minha cunhadinha - disse, assim que viu mamãe e Malena se aproximarem da mesa. E falou *chegano*, mesmo. Não é erro de digitação! - Já sei de quem *tu puxou* tanta beleza...

- Mãe, esse é o... Nossa, não sei o seu nome.

- É Odilavi.

- Odilavi? - assustou-se Malena.

- Por quê?! - assustou-se mais ainda minha mãe.

- Eu ia chamar Osvaldo, em homenagem a um tio. Mas esse tio morreu pouco antes de eu nascer. Aí minha mãe não quis deixar de fazer a homenagem, mas ficou com medo de o nome trazer o fantasma da morte para um recém-nascido. Então, como o contrário de morte é vida, nascimento, nada melhor para saudar uma vida nova que o nome homenageado... ao contrário. Por isso, em vez de Osvaldo, ela me batizou de Odlav. O "d" e o "v" são mudos, mas se diz Odilavi.

- Não deveria se chamar Odlavso? - quis saber minha mãe.

- É. Mas ela resolveu tirar o outro “o” e o “s” para garantir que nenhuma energia ruim ia se aproximar de mim. E também pra não ficar esquisito - explicou.

- Diante das nossas caras boquiabertas, ele acrescentou:

- A galera acha estranho, mas eu acho maneiro, só conheço eu com esse nome, sogrinha.

- Sogrinha é qualquer uma, menos eu, Od... Odvaldo, Odlemo, Od... Odseilá - brigou minha mãe. - Vira pra cá, Maria de Lourdes, *shopping* não é lugar pra ficar de conversinha com estranhos.

- Assim que virei as costas para o sujeito bonitinho de nome esquisitinho, susurrei:

- Valeu, mãe! Você me salvou!

- Imagina se eu ia deixar você ficar de conversê com uma pessoa com esse nome? Era só o que me faltava. “Maria de Lourdes, você aceita Odlav como seu legítimo esposo?” Nossa, acho que eu ia desmaiar no altar.

Não acreditei no comentário. E também não resisti:

- Fala sério, mãe!

Rolamos de rir juntas do episódio, e eu continuei solteira por um bom tempo depois dele.

REBOUÇAS, Thalita. *Fala sério, amor!*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012, p. 158-61

---

Analisando o texto...

1) Considerando apenas o trecho que inicia a narrativa, respondam às questões a-c.

Estou na praça de alimentação devorando sem culpa um sanduíche engordativo **enquanto** espero minha mãe e Malena voltarem do banheiro. (linhas 1-2)

---

a) O termo em negrito revela que as ações da personagem “devorar” e “esperar” são realizadas em momentos distintos ou simultâneos? Expliquem.

b) Em que espaço a narrativa ocorre? Justifiquem a resposta com elementos do texto e seus conhecimentos de mundo.

c) Identifiquem o tipo de narrador desse texto, transcrevendo elementos que comprovem isso.

2) Em “Rããrrãã-rãã-rãã... - ri **um riso forçado**” (linha 6), a expressão sublinhada é uma onomatopéia, ou seja, aquela que é utilizada para imitar o som de algo.

a) No texto que som ela imita?

b) O termo negrito poderia ser substituído sem que com isso houvesse alteração de sentido pelos vocábulos “forçosamente” e “um sorriso amarelo”. Qual deles é mais adequado a contextos informais e qual deles se adequaria a contextos formais? Expliquem.

3) Ao declarar que “ Além de bonitinho o sujeito estudava o mar e suas criaturas” (linhas 13-4), a personagem conta isso como pontos positivos ou negativos em relação ao rapaz?

4) O trecho a seguir é base para as respostas das questões a-c.

---

- Gosta de baleia? - quis saber ele.

- Nunca parei pra pensar **nisso**, mas acho que gosto... (linhas 30-1)

---

a) A que se refere o termo em negrito?

b) O verbo “gostar”, aí, precisa de algo para complementar o seu sentido? Por quê?

c) Explique o uso das reticências ao final da fala de Maria de Lourdes.

5) Justifiquem o uso das reticências em “- Sogra é qualquer uma, menos eu, Od... Odvaldo, Odlemo, Od... Odseilá - brigou minha mãe” (linhas 57-8) e das aspas em “- Imagina se eu ia deixar você ficar de conversê com uma pessoa com esse nome? Era só o que me faltava. 'Maria de Lourdes, você aceita Odlav como seu legítimo esposo?’” (linhas 62-3)

6) Justifiquem o uso da vírgula em “Rolamos de rir juntas do episódio, e eu continuei solteira por um bom tempo depois dele” (linhas 67-8). Depois, expliquem o que fica pressuposto quando a personagem diz que continuou solteira.

7) Na crônica, a autora negritou o verbo “achar” como vocês podem ver: “- **Acha** que gosta? **Acha?** Fala sério! Baleia é demais!” (linha 32), voltem às linhas 30-2 e responda: qual a função do negrito nesse trecho?

8) A situação de comunicação entre os personagens é de formalidade ou informalidade? Explique.

*As próximas questões exigirão de vocês maior reflexão e entendimento sobre os diferentes usos que fazemos da língua no dia-a-dia, por isso, prestem bastante atenção!*

Destacamos, ao longo da crônica, algumas falas das personagens Maria de Lourdes e Odlavi, que embasarão as questões 9, 9.1 e 9.2.

---

- Tô esperando minha mãe e minha irmã que foram ao banheiro.

[...]

- [...] Baleia é demais! Aquele bicho gordo, de nado manso, **mamife dos mar. Meus amigo tudo são louco por baleia.**

Para! Para tudo! Mamife? Ele disse *mamife dos mar* em vez de mamífero dos mares! Meu Deus do céu! Sujeito bonitinho era um sujeito burrinho! *Meus amigo tudo?* Que que é isso? E o cara estava na faculdade! Como essa pessoa passou pra faculdade? Pra onde caminha a humanidade?

- Ih, olha aí, coisa linda. **Olha quem tá *chegano!*** É a minha sogrinha. E tá com a minha cunhadinha - disse, assim que viu mamãe e Malena se aproximarem da mesa. **E falou *chegano*, mesmo. Não é erro de digitação!**

[...]

---

9) Considerando o que está destacado em **azul**, respondam:

a) há algum problema na fala do rapaz? Caso haja, identifiquem qual (is) e justifiquem a partir de qual ponto de vista isso pode ser considerado.

b) o modo como o rapaz fala traz problemas para o entendimento do que ele deseja dizer? Por quê?

9.1) Agora, considerem o que está destacado em **amarelo** e respondam:

a) qual a reação de Maria de Lourdes diante do modo de falar de Odlavi?

b) “Meu Deus do céu! Sujeito bonitinho era um sujeito burrinho!”, vocês concordam com isso? Por quê?

c) Após estudarem sobre variação linguística, vocês reagiriam da mesma maneira que Maria de Lourdes? Justifiquem.

9.2) As expressões destacadas em **laranja** revelam usos tidos, comumente, como “informal” - “tô” em vez de “estou” - e “formal” - “foram ao banheiro” em vez de “foram no banheiro”. Considerando isso, expliquem o porquê de a moça estranhar a fala do rapaz e agir com dessa maneira em relação a sua fala, que pode ser considerada informal, nesse contexto, e não enxergar do mesmo modo o uso que ela faz de sua própria língua (ex.: “tô” em vez de “estou”).

Os trechos a seguir servirão de base para a questão 10. Tem como destaque o uso dos pronomes “tu” e “você”.

- Que é que tu faz? - perguntou, me irritando profundamente. Nada me irrita mais do que “tu” mal-empregado.

- Jornalismo. E você?

- Que máximo!

- Máximo é você. Tu é linda demais, sabia?

- Ui, o “tu” de novo me irritando. Deixei passar mais uma vez.

- Obrigada.

[...]

- Pô, aí, tô apaixonado. Tu é linda demais...

Ô-ou. Mesmo elogio, mesmo tu... Comecei a desconfiar que sujeito bonitinho era um sujeito sem assunto.

- Não dá pra se se apaixonar tão rápido. Você nem me conhece...

- E preciso conhecer melhor? Tu é linda. Linda, linda, linda.

[...]

- Já sei de quem tu puxou tanta beleza..

- Valeu, mãe! Você me salvou!

- Imagina se eu ia deixar você ficar de conversê com uma pessoa com esse nome? Era só o que me faltava. “Maria de Lourdes, você aceita Odlav como seu legítimo esposo?” Nossa, acho que eu ia desmaiar no altar.

10) Considerem os trechos sublinhados para responder às questões a seguir.

a) O que a personagem quis dizer com “nada me irrita mais do que um 'tu' mal-empregado”? Por que ela disse isso?

b) A personagem protagonista e sua mãe são cariocas: a primeira estuda jornalismo e a segunda já é formada. A autora do livro também se encaixa nesse perfil. Além disso, é interessante observar que, em todo o livro, assim como em toda a coleção (são seis volumes), essas personagens não se utilizam do pronome “tu”,

apenas do “você”. Exceto, quando, em uma viagem ao Rio Grande do Sul, Maria de Lourdes, irritada, tenta “imitar” a fala do professor gaúcho de *surf*. E, mesmo assim, a forma como ela fala é algo como “O que *tu* achas”? A crônica lida acima se passa no próprio Rio de Janeiro. Estudos linguísticos comprovam que lá o uso do “tu” do modo como o rapaz do texto se utiliza é comum em contexto informal. Considerando essas informações:

i) o que podemos dizer sobre o fato disso não aparecer tão visivelmente no texto?

ii) e sobre a irritação da garota quanto ao uso que o rapaz faz do “tu”?

c) E vocês e pessoas de suas convivências utilizam o “tu”? De que modo? Em que se situações? Já sofreram discriminação por usarem? Contem um pouco sobre isso.

d) Na crônica, Maria de Lourdes diz: “Valeu, mãe! Você me salvou!”. Qual o ponto de vista de vocês sobre o modo como ela tratou a mãe? Por quê? Vocês tratam as mães de vocês assim? Expliquem.

11) Para finalizar a atividade, reflitam: qual pode ter sido a crítica implícita ou explícita da autora ao escrever seu texto?

---

### Atividade 3

Ao ler um texto que aborde especificamente o preconceito linguístico, os alunos poderão pensar melhor sobre o tema e relacioná-lo com o texto anterior. A atividade pode ser realizada em grupos maiores.

### Discutindo o preconceito linguístico

Vocês sabem o que é preconceito linguístico? O dicionário *Houaiss* assim o define: “qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p. ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática [...]”.

No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico. Nós o compreenderíamos melhor se nos déssemos conta de que ‘falar bem’ é uma regra da mesma natureza das regras de etiqueta, das regras de comportamento social.

Os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras da língua e que não têm poder para ditar quais são as elegantes. Isso não significa dizer que a norma culta (aquele que é utilizada em contextos mais formais) não é importante ou que não precisa ser ensinada. Significa apenas que as normas não cultas (aquelas que são utilizadas em contextos informais) não são o que sempre se disse delas. E elas mereceriam não ser objeto de preconceito.

Não há falante nativo que “fale errado”, ou seja, que não saiba falar sua língua. Há, na verdade, diversos modos de se falar uma mesma língua e todos esses modos devem ser respeitados (e, por que não?) estudados e explicados.

Texto adaptado de

<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/preconceito-linguistico>, cujo autor é Sírrio Possenti, linguista (pesquisador da língua) e professor da Universidade Estadual de Campinas. Acessado em 18 de julho de 2014.

1) Vocês já sofreram ou fizeram alguém sofrer algum tipo de preconceito? Como se sentiram? Conte ao grupo essa experiência.

2) E o tipo de preconceito ao qual o texto se refere? Já sofreram? Fizeram alguém sofrer? Como se sentem em relação a isso?

3) Diante do que foi exposto nesse texto, o que podemos dizer sobre a reação de Maria de Lourdes no texto anterior diante da fala do rapaz?

4) Expliquem o porquê de esse tipo de preconceito não ser algo possível para quem é consciente da variação e mudança linguística. Peçam ajuda ao professor.

### 5. Finalizando a conversa...

Espero que as reflexões deste artigo possam contribuir para conscientização dos estudantes e professores de língua materna quanto à importância de se trabalhar a variação e a mudança e de se combater o preconceito linguístico em nível escolar. Assim como que as atividades sugeridas possam servir de exemplos práticos de como abordar o tema em aula.

### Referências

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. *O preconceito linguístico: algumas considerações*. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília, v. 5, n. 1, ano V, julho/2012, p. 22-30, 2012.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2004. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/3976/2438>. Acessado em 14 novembro de 2015.

CYRANKA, Lucia. *Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula*. In: Martins, Marco Antonio; Vieira, Silvia Rodrigues; Tavares, Maria Alice (orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. *O papel da Sociolinguística na formação dos professores de Língua Portuguesa como língua materna*. In: *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa*. MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN, 2013.

POSSENTI, Sírio. *Preconceito linguístico*.  
<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/preconceito-linguistico> Acessado em 18 de julho de 2014.

REBOUÇAS, Thalita. *Fala sério, amor!*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012, p. 158-61.

TAVARES, Maria Alice. *Gramática na sala de aula: o olhar da Sociolinguística Variacionista*. In: *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa*. MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN, 2013.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Sociolinguística e ensino de Português: para uma pedagogia da variação linguística*. In: *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa*. MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN, 2013.